

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL
CURSO DE LETRAS / LÍNGUA PORTUGUESA

ELINEUDA MARIA DE ANDRADE DE SOUSA

**A REPRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS VICENTE E CONCEIÇÃO EM O
QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ**

PATU - RN
2019

ELINEUDA MARIA DE ANDRADE DE SOUSA

**A REPRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS VICENTE E CONCEIÇÃO EM O
QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ**

Monografia apresentada à universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciatura em Letras / Língua Portuguesa.

ORIENTADOR (A):

Prof. Me. Leandro Rodrigues Torres

© Todos os direitos estão reservados a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catálogo da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

A553r Andrade de sousa, Elineuda Maria de Andrade de sousa
A representação dos personagens Vicente e
Conceição em O Quinze de Rachel de Queiroz. / Elineuda
Maria de Andrade de sousa Andrade de sousa. - Patu,
2019.
50p.

Orientador(a): Prof. Me. Leandro Rodrigues Torres
Torres.

Monografia (Graduação em Letras (Habilitação em
Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas)).
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. letras. I. Torres, Leandro Rodrigues Torres. II.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III.
Título.

ELINEUDA MARIA DE ANDRADE DE SOUSA

**A REPRESENTAÇÃO DOS PERSONAGENS VICENTE E CONCEIÇÃO EM O
QUINZE, DE RACHEL DE QUEIROZ**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciatura em Letras / Língua Portuguesa.

Aprovado ____/____/____

Banca examinadora

Me. Leandro Rodrigues Torres – UERN
Orientador

Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira - UERN
Examinadora 1

ESP. Gleison Carlos Souza de Moraes – SEEC/RN
Examinadora 2

Dedico meu trabalho especialmente para minha filha Emanuely Vitória Andrade Sousa que mesmo sendo criança, foi quem me motivou a jamais desistir, é por ela todo o esforço e para quando crescer entenda o significado da educação, da dedicação aos estudos mesmo em qualquer época das nossas vidas, sempre será relevante.

Assim como mãe serei educadora, a começar do meu lar, valorizando e incentivando, o letramento é o poder de transformação da leitura para o mais próximo e querida (o), como minha filha, Minha maior riqueza e felicidade.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos à Deus por nunca me deixar desistir por completo desse sonho que durante muitos anos almejei, ao meu Senhor, que me encorajou, nas horas em que pensei que já estava tudo perdido, toda glória e honra seja dada ao meu pai eterno

Tenho o prazer de agradecer a todos os professores que contribuíram, para minha formação, mesmo diante de muitos problemas que os educadores vêm enfrentando, isso não impediu de desempenharem suas funções de mestres e doutores dos saberes com sucesso.

É com muita alegria que agradeço ao mestre Leandro Rodrigues, meu orientador dessa pesquisa, que com muita dedicação e paciência, atendeu todas as minhas expectativas, contribuindo com sua sabedoria e esforço, que mais graduandos tenham a oportunidade de conhecê-lo melhor, seu profissionalismo e capacidade.

Agradeço de coração as professoras Annie Figueiredo, Maria Laila, Luciana Nery, Beatriz Pazzini, Maria Leidiana e Aline Inhotti, com vocês aprendi a me dedicar mais às leituras, me apaixonei pelo mundo dos livros sinto muito por não ter participado de todos os projetos desenvolvidos pelas professoras, espero ainda poder participar. Como graduanda afirmo à academia CAP- UERN se tornou muito melhor com o trabalho desenvolvido por todas.

De modo especial a diretora Dra. Claudia Tomé, por ter contribuído na fase de estágio I, e porque tenho uma admiração pela sua capacidade e determinação em sua gestão, e que fez toda diferença na minha graduação e a todos os funcionários do departamento de Letras a professora Dra. Suely Timóteo, especialmente ao técnico Serafim, sempre atencioso com todos. Sou grata aos que formam a biblioteca Mônica Moura do CAP, pelo atendimento e carinho, assim como a equipe que cuida da limpeza e copa sempre muito prestativos, em seus serviços.

Não poderia deixar de agradecer a todos os meus amigos e vizinhos que sempre acreditaram que alcançaria meus objetivos, especialmente minha amiga Antônia Iranilda (Chabinha) que me ajudou bastante numa fase crítica, ficando com minha filha enquanto eu estava nas aulas de estágio. E aos amigos (as) que juntos participávamos dos eventos. Grata pela companhia do amigo João Eudes.

Agradeço a meu amigo Adeilson Silva, que sempre estava disponível, para me ajudar com as dúvidas relacionadas ao sistema de informática na área do (Word), foi de grande valia sua atenção e colaboração na minha formação.

Agradeço a minha família, principalmente ao meu esposo Cristiano Ricardo, que durante um longo período esteve presente e me ajudou muito apesar de alguns percalços, sempre estamos juntos e essa conquista também é nossa.

E já com muita saudade aos amigos da turma que estou concluindo, agradeço também aos outros amigos que conquistei por outras turmas anteriores que cursei alguns períodos, foi longa a caminhada, mas, conseguimos. Especialmente as amigas que tive a alegria de conquistar e ficarão para toda vida, minha tão simples e meiga Camila Santos e também minha linda e sábia Lara Rocha, foi muito relevante todos os momentos e aprendizados que vivemos.

Agradeço aos professores que fazem parte da banca examinadora da defesa da monografia, e de modo geral agradeço pelo empenho e contribuição com a pesquisa.

Enfim, agradeço de coração a todos que fazem o CAP – UERN, essa academia de grande relevância para todos que adentram, aos que almejam por uma vaga, em busca de uma formação de qualidade.

À noite, já novamente em Quixadá, bebendo e fumando numa roda de botequim, falou-se sobre trato de gado, e alguém perguntou a Vicente: - -

- E vale a pena? O capital que você tem em gado, fora as perdas, dará para cobrir sua despesa e seu trabalho?

Ele bateu a cinza do cigarro e encolheu os ombros:

- Não sei... para mim, isso agora já é um capricho. Tomei a peito e vou ao fim... se salvar tudo, lucro muito, se nada... paciência... Um dos da roda gracejou:

- Ou quebra, ou bota relógio!

Um outro, meio bêbedo, gritou, segurando com entusiasmo o copo, onde a cerveja espumava:

- Homem é assim! OpiniOSO até ali! Eu também, começando, acabo! Nem que rache!

E erguendo mais alto o copo, que brilhou com um lampejo de ouro à luz do carbureto, declamou com a voz pastosa, os olhos abertos num esgar heróico:

- Pancadinha quebra dedo,

Chicote deixa vergão,

Cacete quebra costela

Mas não quebra opinião! ...

Rachel de Queiroz, *O Quinze* (2002, p.94-95).

RESUMO

O Quinze, da autora Rachel de Queiroz, retrata as difíceis realidades do nordestino brasileiro durante o período de estiagem em 1915. A narrativa conta a história de Vicente e Conceição, duas personagens que representam as diferenças e semelhanças do povo nordestino. A obra literária aborda a realidade nordestina do início do século XX, internalizando aspectos externos como o sofrimento e a esperança. Desse modo, busca-se nesta pesquisa, fazer um estudo crítico sociológico, investigando como as personagens representam o meio a qual elas pertencem na narrativa, como a realidade externa oferece elementos que se internalizam na obra e definem não só seu conteúdo, mas sua estética. Assim, este estudo está embasado nos teóricos que discutem o modernismo, como Peter Gay (2009) e Alfredo Bosi (2006), bem como, para as discussões sobre a personagem literária fictícia, este trabalho nutre-se das teorias de Antonio Candido (2009), Renata Pallotini (1989) e James Wood (2017). Sendo assim, esta é uma pesquisa qualitativa, pois os resultados deste trabalho estão apoiados na análise subjetiva de seus autores. Nesse sentido, espera-se que este estudo venha contribuir e incentivar outras pesquisas na área de que se ocupa este trabalho, com novos olhares críticos sobre os estudos da literatura brasileira.

Palavras-chave: Personagens. O quinze. Rachel de Queiroz. Literatura de 30.

ABSTRACT

The fifteen, written by Rachel de Queiroz, shows the Brazilians northeastern reality during the drought period in 1915. The narrative tell the history of Vicente and Conceição, two characters who represent the differences and equalities of northeast people. The literary work shows the Brazilians northeastern reality in the beginning of the 20th century, internalizing social aspects like suffering and hope. Considering this, this work aims to do an analysis based on the sociological criticism, investigating how the characters represent the social environment which they take part in the narrative. How the external reality offers elements to constitute the literary work and defines not only the content of the narrative, but also the aesthetic of the book. Thus, this work is supported by the theories which debates about modernism, just like Peter Gay (2009) and Alfredo Bosi (2006), to discuss the literary character this work used the theories of Antonio Candido, Renata Pallotini and James Wood. Furthermore, this study is a qualitative study, because the results are product from a subjective analysis of its authors. In this sense, this study could contribute to other discussions in this area and encourage new studies with new points of view and different approaches, but also encouraging the Brazilian literature and the academic works.

Keywords: Characters. The Fifteen. Rachel de Queiroz. 30's literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONTEXTUALIZANDO O MODERNISMO	15
2.1 O início da arte moderna	15
2.2 A arte moderna mundial	18
2.3 O Modernismo na literatura brasileira.....	22
2.3.1 Semana de arte moderna.....	25
2.3.2 Regionalismo e o romance de 30	26
3 A RELAÇÃO DE VICENTE E CONCEIÇÃO NA OBRA <i>O QUINZE</i>	29
3.1 A obra regionalista enquanto representação da sociedade.....	29
3.2 Vicente, Conceição e o meio social.....	30
3.3 Oposição e contiguidade entre Vicente e Conceição	42
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

A seca nordestina tem sido motivo de grande debates, entre as pessoas que vivenciam essa situação, durante séculos tem-se assistido de perto aos noticiários dos jornais os desastres que julga-se ser climáticos, a seca no nordeste brasileiro, por se tratar de uma região semiárida e um solo com certa aridez, que vem salientar algumas das condições das ocorrências para a seca, são apenas discussões que geram opiniões divergentes ou favoráveis a esses pressupostos, os problemas da escassez de chuva podem ser também de origem geopolíticos que afligem a região nordestina.

Assim, a estiagem é representada e estudada na vida nordestina, no conhecimento popular e científico. Um clássico exemplo disso é a obra *O Quinze*, uma narrativa de origem ficcional, mas que sua autora vivenciou a seca de (1915) no estado do Ceará. O que obrigou Rachel de Queiroz se ausentar do Estado do Ceará para outra região, e que durante essa época a mesma tinha 20 anos de idade e escreve a obras *O Quinze*, que veio ser publicada em (1930), durante o período da literatura regionalista.

O Quinze 2002 é um romance que retrata a difícil sobrevivência dos nordestinos na época das secas, no início do século XX. Nesse período o sertão estava sendo negligenciado, vidas humanas migravam para a capital ou outras regiões do Brasil principalmente para a região sul para escapar da estiagem.

A narrativa tem como característica ficcional a identificação, das famílias que moravam no Logradouro próximo a cidade de Quixadá. Nesse local já estava acontecendo a difícil realidade da seca os alimentos já não eram suficientes para as subsistências dos moradores dessa localidade, e toda a vegetação nos campos estava rala. Os animais também não tinham o que comer tudo era ressequido.

O solo já apresentava rachaduras nos lugares onde um dia existiu água, e agora somente a escassez de chuva, mesmo assim, ainda existia esperança e coragem frente a essa situação, conforme ocorrera no espaço e na vida dos personagens que são representados como um romance social da vida rural, bem como alguns traços dos personagens que viviam na zona urbana e também são envolvidos nos conflitos que a seca causou, dentro do enredo da obra *O Quinze* da autora Rachel Queiroz.

Isto posto, o objetivo geral de estudo deste trabalho é analisar os aspectos políticos e sociais presentes em *O Quinze* de Rachel de Queiroz, representado pelo nordestino em período de estiagem na figura de Vicente e Conceição, bem como, para responder as indagações foram selecionados os objetivos específicos: discutir a representação da relação entre o poder público e a sociedade no contexto de seca vivido pela Conceição e Vicente em *O Quinze* da Rachel de Queiroz, sendo assim, construir uma análise observando as diferenças e semelhanças entre os personagens Conceição e Vicente, em *O Quinze* da mesma autora, e ainda, contrapor as formas como os personagens Vicente e Conceição se comportam diante da seca.

Esta pesquisa utiliza o método de abordagem da crítica sociológica, que investiga como a obra internaliza elementos externos, como representa a realidade a qual ela está inserida. É uma pesquisa qualitativa pois os resultados deste trabalho estão apoiados na análise subjetiva de seus autores e por não buscar resultados quantitativos.

A pesquisa segue dados que serão analisados partindo de pressupostos dialéticos, métodos tendo em vista, que o tema é investigativo qualitativo, que vem fornecer estabilidades explicativas e dedutivas, tem-se como deter-se nas problemáticas sobre a difícil situação do nordestino durante os períodos de secas que são apresentados na obra *O Quinze* de Rachel de Queiroz. Sendo assim a pesquisa parte da origem bibliográfica de investigação do meio social a serem investigados.

Os procedimentos metodológicos do estudo baseiam na análise bibliográficas de teóricos como: Antônio Carlos Gil (1946), Como projetos de pesquisa, Antônio Chizzotti (2010), pesquisa em Ciências Humanas e sociais, dialético-histórico, faz parte da pesquisa por se tratar de uma relação com o sujeito e o meio, por se tratar de autores que partilham de conhecimentos em pesquisas, informações e estratégias que visam as ciências sociais e da literatura publicada e outros teóricos.

Nesse sentido, a abordagem conceitual da obra *O Quinze*, será uma retomada de conhecimento sobre a literatura modernista, contextualizando com o período em que foi lançado a narrativa. Dessa forma, fica evidente a formulação do problema que venha despertar hipótese, para tentar refletir sobre as causas e consequências e possíveis resoluções para sanar as dificuldades da seca no Nordeste, entre tantos questionamentos apontamos para essa questão: Como a obra *O Quinze*, da escritora mencionada possibilita reflexões referentes aos problemas frente a seca Nordestina.

A obra literária *O Quinze* da autora cearense Rachel de Queiroz, traz reflexões sobre a seca Nordestina referentes aos aspectos críticos que envolvem problemas públicos e geopolíticos gerando assim, grande discussão e análises das condições de vida e atuação do poder público em relação a essas dificuldades, que enfrenta o nordestino durante as estiagens. Com isso, a autora buscou representar a realidade do que foi vivenciado no ano de 1915, no início do século XX.

O interesse desse trabalho surgiu a partir da necessidade de tentar entender a realidade nordestina. Que por mais que exista adversidades o povo nordestino não deixa de lutar, não se abate. Esse trabalho é uma forma de juntar esforços para compreender a sociedade nordestina.

O que justifica essa pesquisa é o interesse pessoal em procurar entre si mesmo uma relação dialética com a sociedade representada na obra literária. Tendo *O Quinze* de Rachel de Queiroz, apresentado motivação e relevância dentro do contexto histórico da literatura brasileira regionalista de 1930.

O Quinze, percebe-se uma tentativa e busca de sobrevivência num sertão árido e de muito abandono, o que veio a contribuir a obra referida para maiores reflexões sobre as secas que os nordestinos brasileiros também vêm enfrentando há décadas, e a sociedade encontra-se alheia, onde julga-se ser de origem climática, sendo que na maioria são condições geopolíticas, geradoras de estiagens que há séculos vem assolando o nordeste brasileiro.

A literatura vem trazer novos olhares para a sociedade com obras de renome como *Quinze*, da referida autora, despertando a criticidade ao leitor que vivencia essa realidade e naqueles que acreditam ser apenas ficção. É sabido, que a seca nordestina não é de natureza impossível de ser resolvida, a sociedade conhecedora dos fatores climáticos e dos períodos de estiagem é consciente que existem soluções para atender às necessidades hídricas do Nordeste.

O trabalho apresentado à academia de ensino superior, CAP - UERN, para enriquecer e afortunar a teoria e a academia a explorar de maneira diferente o corpus escolhido para novos estudos que abordam dentro da literatura e a retratação das condições sub-humanas das secas nordestinas, e tragam relevâncias que envolvem questionamentos e análises, da obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz. A narrativa faz parte da literatura modernista, que vem contribuir no estudo das ciências humanas,

refletindo assim, a existência dos problemas pertinentes a época em que foi lançada, e que retrata alguns dos sofrimentos do povo nordestino brasileiro.

O trabalho está dividido em (04) capítulos, que abordam as discussões com bases nas reflexões que a literatura e a retratação das condições sub-humanas dos nordestinos em períodos de seca. No capítulo I introdutório, que traz uma breve explanação sobre todos os procedimentos da pesquisa e explicações das abordagens a serem discutidas durante o desenvolvimento do trabalho.

No capítulo II, aborda as teorias dos autores modernistas: Peter Gay (2009), com a obra *Modernismo*, e alguns impressões de diversificação no mundo modernista; José Jobim e Roberto de Sousa (1987), iniciação à literatura brasileira, será preceitos de como a história e crítica literária foi constituída, Maria Braga (2009), *Literatura brasileira II*, movimento que surgiu em todo mundo e em diversas origens e ainda Ángel Rama (2001), *Literatura e cultura*.

No capítulo III, análise da obra *O Quinze* de Rachel de Queiroz (2002), que terá como estudos os objetivos de analisar os personagens Vicente e Conceição e o meio social em que estavam inseridos. Assim como, a oposição e contiguidade entre os mesmos em *O Quinze* para responder as propostas que foram lançadas durante a pesquisa que fazem parte do romance modernista com fundamentos teóricos: Alfredo Bosi (2006) que se detém nos estudos concisas da literatura brasileira, para o social; Antônio Candido (2000). Em *literatura e sociedade*, pressupõem a arte como um fator social de acordo com o reconhecimento e sua função dentro do contexto inserido. Renata Pallottini (1989), apresenta a construção do personagem na ficção e diferentes modos na literatura, Candido (2009), no romance pode-se variar as interpretações das personagens de ficção dependendo do que o escritor desejar apresentar, deve-se seguir uma linha coerente e fixada e delimitada que busque uma lógica. Gilberto Telles (1990) com visão à crítica e as transformações a leitura dos romances de 30 no nordeste brasileiro.

Por fim, o capítulo IV as considerações finais como contribuições e relevâncias dos resultados que foram analisados, na perspectiva de lançar novos olhares para os estudos, e análise da obra literária que possibilitem maior envolvimento e fonte de pesquisa que venha beneficiar novos estudantes.

2 CONTEXTUALIZANDO O MODERNISMO

O presente capítulo traz uma breve contextualização sobre o modernismo mundial, na literatura brasileira, lutas e conquistas na sociedade por um espaço para inserir um novo terreno diversificado na pintura e escultura, prosa e poesia, dança e música, arquitetura, teatro e cinema. Tendo os gêneros como objetivos apresentar uma inovação na cultura diante dos historiadores a originalidade que caracterizaram como: modernismo, desde metade do século XIX.

2.1 O início da arte moderna

Sendo experiências e descobertas que se ascendia no mundo com ideias e opiniões divergentes das que prevaleciam, o modernismo levantou questionamentos, dúvidas, que vieram a ser experimentadas em busca de amplas afinidades na sociedade com doutrinas e preceitos religiosos que influenciavam o meio social e econômico da geração conservadora da época.

O fato é que, as vanguardas europeias foram movimentos que contribuíram para discernir os gostos e inventários que surgiam nas mentes dos jovens estudantes da Europa, que na volta para o país de origem levavam expressões e sentimentos individuais de liberdade.

Nesse sentido, foi-se criando cenários de propagações dos modernistas, que defendiam as ideias do novo, de uma história construída a partir das diversidades e transformações que o ambiente oferecia, sendo o ser humano capaz das realizações no meio externo com interno de sua própria história, gerando um estilo modernista como vasto campo de clima de ideias, sentimentos e opiniões.

Segundo Peter Gay (2009, p.19), “O mundo externo foi agente e alvo dos programas modernistas, com todo o seu sentimento de ”urgência.” Sendo assim, a propagação dos modernistas expressava desbravamentos em todas as esferas mundiais, com rapidez, que atingiram as camadas econômicas, sociais e intelectuais que a princípio não houve aceitação, porém, com as divulgações das vanguardas no contexto histórico surgiram as expressões de clima modernista.

Todavia, as turbulências que enfrentavam os modernistas, durante o percurso das divulgações, com suas origens e implicações psicológicas e sociais, novas

experiências de lutas e grandes batalhas surgem na sociedade que estavam vivenciando a *Belle Époque* na Europa, foi um momento que surgiu no final do século XIX e início do século XX, nesse cenário os países europeus estavam se industrializando, num contexto histórico dos novos avanços nas tecnologias, existiam sentimentos de otimismo, empolgação e deslumbramento. O europeu acreditava estar vivendo uma bela época, o período era marcado por grandes descobertas, como: bicicletas, automóveis, aviões, telégrafos, datilografias, cinemas entre outras invenções que são usadas e aperfeiçoadas atualmente na sociedade.

Nos campos das ideias surgiram o positivismo, a psicanálise, marxismo, na biologia os trabalhos de Pasteur, Mendel, nas ciências surgiram grandes descobertas, os governos começaram a adotar políticas públicas de saneamentos e higienização para os centros urbanos.

A eletricidade passou a fazer parte da vida dos europeus, com a eletricidade os grandes centros urbanos tornaram-se mais visitados durante as noites, nas casas noturnas, nos cabarés, salões de danças e cassinos que foram construídos em virtude da eletricidade e da industrialização que gerava mais renda para a população, causando assim, euforia nas tecnologias inseridas no mercado europeu e na sociedade.

No entanto, o ocidente não esperava a primeira guerra mundial nos anos de 1914 a 1918, que agitaram todas as nações com muito derramamento de sangue no ocidente, pela disputa de fronteiras e conquistas de países para maior exploração imperialista e territorial. Desses conflitos ocorreram bastante descontentamentos entre os modernistas que ao fim da guerra tiveram que continuar com seu trabalho, de acordo com Gay (2009):

Muitos modernistas serviram no Exército, alguns sofreram colapsos nervosos, outros morreram no front. Mas de modo geral, retomada a paz, recomeçaram onde tinham parado. Marcel Proust não alterou o estilo durante a guerra, mas introduziu o tema no último volume de *Em busca do tempo perdido*. As telas de Max Beckmann mostraram uma nova percepção do horror e da morte. Walter Gropius se conscientizou politicamente com a guerra. E os artistas do pós-guerra usaram a guerra quase tanto quanto foram usados por ela. (GAY, 2009, p.24)

Portanto, esses climas de disputas contribuíram para a os modernistas no que tange as relações de conscientizações políticas e econômicas de atitudes culturais,

sendo impactados, com a comoção da guerra a produzirem o que foi experimentado, de forma impressionista e grosseira.

Porém, esses atos desconcertantes não foram impactos irreparáveis nas estruturas das obras primas que as vanguardas com o tempo puderam apresentar inovações aos teatros, museus e salas de concertos já não chocavam mais como antes, alguns espectadores apreciavam aos espetáculos, segundo Gay (2009, p.25), “aos espectadores furiosos que em 1911 atrapalharam ruidosamente de *A sagração da primavera*, de Nijinsky e Stravínski, sucederam-se os que não achavam nada indigesto”. Nesse sentido, as obras que antes da guerra pareciam heresia, eram rejeitadas e refutadas pelos públicos com o despertar histórico acabaram sendo aceitas sem ofensas.

As impressões modernistas são visíveis dentro do contexto histórico que compartilham de vários atributos correlacionados às culturas existentes e que impulsionaram confrontos para se desligar das tradições assim como, segundo Gay (2009, p.21) “o poeta e escritor *Charles Baudelaire* é o primeiro herói do modernismo sendo considerado herético pelas religiões”, entre os que mantinham o conservadorismo e as ideologias arraigadas na cultura e na mente humana.

Durante a época da Revolução Francesa os romancistas não aceitavam as ideias dos modernistas o que ocasionou uma tensão entre as opiniões: de um lado o inconformismo rebelde de Byron e Shelley, Chateaubriand e Stendhal que apresentavam uma libertinagem na vida pessoal e eram avessos aos casamentos burgueses. Enquanto os românticos Marx e Engels mantinham, e defendiam suas tradições, acusando os modernistas de falsos e de instituição que propagava a prostituição, com essa crítica toda a classe média foi retraída aos princípios marxistas no continente europeu, gerando uma atmosfera revolucionária em 1848 (cf. GAY, p.21).

Com um clima menos tenso no continente europeu, dentro da crítica revolucionária no mesmo ano 1848, foi publicado o Manifesto Comunista que foi recebido com pouca atenção, embora, Gay (2009):

Gustave Flaubert, o grande modernista na literatura, tenha, o auge de sua fúria, chegou perto disso com seu primeiro romance, *Madame Bovary*. O ódio de Flaubert pela classe média assumia a forma de uma fobia que se converteu numa incapacidade irracional de enxergar sua sociedade como realmente era. (GAY, 2009, p. 21 e 22).

Nesse sentido, o ódio ganancioso aos burgueses de *Flaubert*, não trouxeram sucesso desejado, pois distorcia a história dos modernistas, o que passou a ser publicado em carta na época como termo de patologia descrita pela psiquiatria, “burquesófobo” sentimento de onipotência, *filisteu*, foram práticas oitocentistas de alguns modernistas que não conseguiam converter-se.

Contudo, o termo “modernismo” para alguns historiadores veio apresentar a história própria, climas e emoções variados, sem obediência a nenhuma estética literária, sendo o modernismo um clima de ideias que despertaram sentimentos e opiniões na sociedade.

2.2 A arte moderna mundial

Nas disputas decorrentes dos modernistas pelo espaço e aceitação no meio social para divulgação das artes, surgem diversas polêmicas e discussões desagradáveis dos seus adversários que não entendiam e ridicularizavam as artes modernistas, que exerceram negligências à boemia romântica, na tentativa de obscurecer a realidade para a sociedade perante as artes modernistas, de acordo com Gay (2009, p.26) “[...], na obra literária de *Henri Murger* na metade do século XIX (e que ganhou ampla circulação e consagração [...], na ópera de Giacomo Puccini sobre as dores de morrer de fome pela arte). Era mais fábula do que fato. “ (cf. GAY, 2009, p.26). Sendo assim, os escritores, compositores e artistas da época conseguiam uma vida confortável através das artes, porém, tentavam passar o contrário o que causavam muitas revoltas aos modernistas considerados pelo sistema como amadores teimosos.

Nesse clima de agitações os antimodernistas recusavam com muito exagero avaliar as exposições teatrais argumentativas, em meio a tantas ofensas do público os modernistas não desistiam, resistiam aos ataques e reações que sofriam do sistema. De acordo com Gay (2009):

Quando *Espectros*, de Ibsen, estreou em Londres, em 1891, os resenhistas multiplicaram os adjetivos incendiários, entregando-se com visível prazer a essa vociferação inflamada. Sem dúvida, a peça tem a ousadia de mencionar irregularidade sexuais, apresentando um personagem principal sucumbe a um ataque de loucura sifilítica, mas dificilmente mereceria ser tratada uma “representação repulsiva”, um “esgoto aberto, uma chaga asquerosa exposta, um ato sujo feio em

público”. E tampouco era um exemplo de “ indecência grosseria, quase podre”, nem o autor era “ um ser excêntrico, insano”, “ não só sistematicamente sórdido, mas deploravelmente obtuso”. (GAY, 2009, p. 27).

Com isso, percebe-se que a sociedade se encontrava alheia a realidade que era propagada por sistema que encobria de forma gradativa através das artes os males e não levava a público uma linguagem cotidiana, afim de esclarecer despertar no indivíduo a crítica, a consciência de seus direitos e a capacidade intelectual reflexiva. Porém, os modernistas acreditavam que tinham um papel esclarecedor e importante para revelar mazelas sociais, incoerências e injustiças.

Por isso, alguns pintores em suas telas trataram de eliminar as alusões à natureza, mistificadas por estéticas artísticas anteriores, sendo assim apresentadas as primeiras pinturas de *Wassily Kandinsky* por volta de (1910-1), também Knut Hamsun escreveu *Fome* (1890), obras que antes não eram apresentadas a sociedade por outros artistas. (cf. GAY, 2009, p. 28).

Os modernistas eram chamados de loucos, indecentes e até animais selvagens pelas classes conservadoras da época. Conforme Gay (2009, .28) “Em 1905, quando Henri Matisse, André Derain, [...], expuseram seus quadros mais recentes no Salon d’Automne em Paris, comentaristas criticaram as telas ardentes e exuberantes[...]”.

Assim, a extrema rivalidade que os adversários atribuíam às novas formas de expressões das artes modernistas como vândalos e tratava-os como seres capazes de fazer apenas borrões como crianças e não consideravam como artistas e sim, como ingênuos e recebiam apelidos como “animais selvagens”, incapazes de representar a cultura tradicional, isso porque os indivíduos estavam condicionados pelo sistema que prevalecia ou era divulgado na época como arte vista somente pela óptica da beleza.

Mediante as disputas entre as artes modernistas e românticas, existiram desejos dos modernistas em destruir os museus, bibliotecas, cânones e todos os registros do romantismo. Os modernistas buscavam combater qualquer forma de oportunismo, desprezavam os tradicionalismos e as artes românticas, alguns defendiam essas ideias com exagero e veemência como a maioria dos fundadores de grupos vanguardistas. Conforme afirma Gay:

“Queremos destruir os museus, as bibliotecas, ” exclamou Filippo Tommaso Marinetti, o fundador do grupo, em seu *Manifesto inicial do futurismo*, de 1909, “combater ao moralismo, o feminismo e todos os

atos oportunistas e utilitários de covardia”. A hostilidade dificilmente poderia ir além, a não ser que passasse para as vias de fato. (GAY, 2009, p.29).

Os movimentos vanguardistas se destacam por combaterem a opressão sofrida pelas minorias dentro da sociedade que estava passando por transformações no mercado tecnológico. Assim, sendo capazes de desenvolverem suas funções sem atos de explorações e totalitarismo. Além disso, sonharem em conseguir um espaço para expor suas artes nas paredes dos museus existentes na época.

Diante de tanta disputa, ofensas e críticas trocadas entre os modernistas e burgueses surge um clima de calma entre os pintores vanguardistas, conforme Gay:

Provavelmente a figura mais coerente e mais irritante a perturbar a concórdia vanguardista foi o pintor espanhol Salvador Dali. Ansioso por chocar o público com suas declarações, tal como chocava com suas telas surrealistas estranhas e amiúde desagradáveis, Dali simplesmente liquidou com todos os rivais modernistas. Como declarou ao mundo, ele estava destinado a “resgatar a pintura do vazio da arte moderna”. Se os modernistas tratavam os burgueses com um ar de superioridade, também podiam tratar com superioridade os colegas de modernismo, ou pelo menos achar que careciam de discernimento ou ousadia estética (GAY, 2009. p. 31).

O pintor Dali, pertenceu a corrente do momento surrealista que retratavam um mundo de sonhos fora da realidade, imaginário mais precisamente baseado na psicanálise Freudiana, o que se passa em nosso inconsciente em forma de sonhos ou pensamentos poderiam ser transformados em artes. Nesse sentido as artes começaram num ato de apaziguamento entre os modernistas, os primeiros líderes como Baudelaire, *Guillaume Apollinaire*, e os guardiões do gosto. As lutas foram grande e duraram meio século para que acontecesse um apelo dos modernistas à generosidade dos leitores da classe média para o reconhecimento dos autores das vanguardas apresentarem suas obras ao público.

Entretanto articularam-se muitos problemas para os poetas e pintores vanguardistas, além das lutas sociais, que durante muito tempo vinham enfrentando, para o modernismo obter êxito e expansão na civilização ocidental, um clima propício de apoio às novas divulgações seria essencial na produção liberal e inovadora das artes modernistas. De acordo com Gay:

O berço dos modernistas se formou a partir da prosperidade social nos estados em fase de industrialização e urbanização. O sistema fabril – surgindo de início na Inglaterra, no final do século XVIII, ali se desenvolvendo cada vez mais e depois com um certo atraso, a Bélgica, Alemanha, França e Estados Unidos na época vitoriana – foi o pré-requisito indispensável para a produção e consumo de massa dos bens de consumo, entre eles as belas artes (GAY, 2009, p. 34).

Assim, o apoio ao espaço e liberdade de expressão, foram condições que os modernistas consideravam indispensáveis para a propagação das artes, bem como, a questão financeira bastante relevante numa sociedade que se encontrava em transformação econômica significativa na industrialização e urbanização. Assim, o modernismo teve sua oportunidade de conseguir prosperar nesse período de riqueza, conquistando financiadores e clientes que favoreceram a expansão modernista das artes.

As riquezas modernistas foram benéficas para os modernistas que aderiram aos movimentos vanguardistas do final do século XIX. No entanto, nas civilizações do ocidente, surgiram os descontentamentos entre críticos que abordavam o crescimento do modernismo como um fenômeno urbano, porque as cidades se desenvolviam em decorrência dos avanços dos bens de consumo e no comércio numa velocidade assustadora, pois essa expansão se dava pela formação de riqueza imediata através de empréstimos bancários. Fazendo as cidades se desenvolverem construírem a custos dos artistas modernistas que privilegiavam a burguesia em sua ascensão industrial.

Portanto, as dificuldades para apresentar as expressões modernistas foram garantia para alcançar o sucesso, conforme, Gay:

Numa época em que os homens vinham sendo admitidos na esfera política pública em proporções cada vez maiores em que o processo de alfabetização universal produzia grande número de semicultos, como diziam os que se consideravam “superiores”, em que os sindicatos estavam dando voz aos silenciosos, essa preocupação coletiva talvez fosse natural. Mas também era arrogante, injusta e pretenciosa. Não podemos negar que o esnobismo foi um forte efeito colateral dessa avaliação dos modernistas sobre o público que tanto falhara em entendê-los. Uma coisa é certa: muitos modernistas eram democratas, mas o modernismo não foi um movimento democrático. (GAY, 2009, p.38-39).

Em meio a tanto envolvimento e disputa por um espaço na sociedade a maioria dos modernistas não deixaram passar o momento de transição que estava

acontecendo, sendo um período de novas descobertas na tecnologia e comércio, levando a difundir algumas ideias que os vanguardistas divulgavam, não seria momento de continuar com pensamentos individualistas e conservadores num grão de equidade aos que eles tantos combatiam.

As transformações culturais e nas artes somando algumas das disputas que os modernistas tiveram de enfrentar no final do século XIX, existiram os combates entre as religiões que não aceitavam os princípios difundidos pelos modernistas que tiveram de combater as forças religiosas em favor do científico e espírito liberalista, segundo Gay (2009, p.43-44), “os modernistas, de modo geral estavam mais empenhados no lado negativo desses debates, trabalhando mais para destruir do que para criar uma religião”. Nesse sentido, os modernistas traziam preceitos de liberdade e criatividade e para eles as religiões aprisionavam e conspiravam a maioria das pessoas.

Contudo o modernismo foi bastante relevante no contexto histórico das artes e em outras esferas que estão dentro da literatura, tornando um clima de transformações e novas conquistas e aceitação dos artistas em muita capacidade do público em aderir e avaliar sua originalidade.

2.3 O Modernismo na Literatura brasileira

Em meio à originalidade e representação brasileira, visto que o país foi colonizado pelos europeus mais precisamente por Portugal, que fizeram das terras e povos que habitam colônias de explorações, nesse sentido, após sua independência ficou o anseio por desenvolvimento em diversas áreas para atender a população que havia sido situada nesse país, entre as diferentes raças, línguas e culturas que ficam na América Latina, assim como, no Brasil não tinha sido compensado com uma literatura modernizadora, conforme Rama:

Na originalidade da literatura latino-americana está presente, como, guia, seu movediço e novelístico anseio internacionalista, que mascara outra mais vigorosa e persistente fonte alimentadora: a peculiaridade cultural desenvolvida no interior, que foi obra única de suas elites literárias, e sim o esforço ingente de vasta sociedades ao construir suas línguas simbólicas (RAMA, 2001, p. 241).

Sendo assim, o Brasil necessitava de uma literatura independente do estrangeirismo, que alimentou outras estéticas durante o período romântico pelos

burgueses, que transplantaram a literatura europeia para o Brasil, exaltando a natureza e o indianismo europeizando nas pinturas e nos romances como: índio de olhos azuis e pele clara, natureza sempre bela e sem nenhuma destruição ou exploração na fauna e flora em decadência de forçosamente termos sido colônias de exploração.

Diante da realidade, que se apresentava na sociedade brasileira, na divulgação de compor uma dinâmica composição de aversão ao estrangeirismo, instaurando no país, diferentes possibilidades representativas de criar a literatura modernista, que visava novas experiências, criatividade e a liberdade de expressão quebrando os paradigmas e sugerindo concepções inovadoras.

As expressões modernistas brasileiras foram movimentos organizados por jovens insatisfeitos com o contexto histórico que durante séculos oprimiam e marginalizavam os povos e culturas existentes, mascarando com padrões literários europeus, segundo Rama (2001, p.241), “Dado que essas literaturas correspondiam a países que haviam rompido com suas progenitoras, rebelando-se contra o passado colonial, [...] tinham de ser forçosamente *originais*, [...]”.

Nesse sentido, a insatisfação instaurou-se por todo o continente da América Latina contra um sistema que detinha o poder da manipulação no progresso de acordo com o europeu, sabendo que no Brasil e em outros países da América Latina ficaram o espírito nacionalista capaz de produzirem uma cultura interna, folclóricas, e diversificadas obras capazes de atingirem um auto grau de evolução na originalidade e representatividade na literatura.

Alguns aspectos de comportamentos ocorreram com as inovações que configuravam o espírito modernista brasileiro, conforme Braga:

É importante destacar que o modernismo, como qualquer outro movimento, foi antecedido por um processo histórico-cultural que levou vários anos até estabelecer-se como um novo paradigma. Este, em especial iniciou-se no século XIX e as principais obras e manifestações de novas concepções ocorreram nas três primeiras décadas do século XX, quando se observa o choque entre o tradicional e o novo. Nessa perspectiva surge, então, a *Arte Moderna*, cuja expansão foi acelerada e atingiu vários países fora da Europa, inclusive o Brasil (BRAGA, 2009, p. 160).

Com tudo, as novas ideias que surgiram com o modernismo de início não foram vista com bons olhos, pelos povos que vivenciavam a décadas do tradicionalismo no

contexto histórico-social, e também nas artes e cultural, as literaturas que dominavam o espaço brasileiro durante décadas defendiam uma estética da beleza de rimas e métricas que encantasse com as letras dos poemas, assim como, a preocupação do escrever bem e falar bem, com base nas regras das gramáticas que ainda nem eram brasileiras, entre esses estilos literários, os parnasianos e simbolismos tiveram que lutar contra as novas manifestações e divulgações dos modernistas no começo do século XX.

Os movimentos vanguardistas que surgiram em todo o mundo, provocaram desconfortos na literatura brasileira, sendo as vanguardas movimentos de reflexões sobre as artes e suas práticas de representações na sociedade da época.

Portanto, as vanguardas modernistas brasileiras apresentavam algumas características como: Liberdade de expressão que foi utilizada pelo poeta *Manuel Bandeira*, como uma crítica ao romantismo e aos poemas com muito lirismo; Incorporação do cotidiano, em alguns poemas de *Carlos Drummond de Andrade*, sendo uma forma de valorização do dia a dia e da simplicidade na vida das pessoas; Linguagem coloquial, usada por *Oswald de Andrade*, misturando termos populares com outros cultos, esses desvios das métricas e dos estilos de beleza seriam as representações do modernismo brasileiro dentro das vanguardas. (cf. BRAGA, 2009, p.169-170).

No contexto histórico brasileiro as vanguardas trouxeram significados de um sistema em crise que já não suportava o espírito inquieto, da nova época com preceitos intelectuais com a finalidade de inovações na literatura e na mente humana, segundo Braga (2009, p.171) "as vanguardas foram porta-vozes de um mundo fragmentado, de uma sociedade questionadora; elas sacralizaram máquinas e desmontaram dogmas". Sendo assim, os movimentos vanguardistas brasileiros procuravam conscientizar a ruptura com o tradicionalismo, que já estava estagnado em toda a América Latina e no Brasil, por tratar de uma fase de aceleração no desenvolvimento da cultura, comércio e indústria em virtudes das novas tecnologias que surgiam no mundo.

2.3.1 Semana de arte moderna

No início da terceira década do século XX, o Brasil passa por uma semana impactante e de muito avivamento nas artes e no teatro municipal na cidade de São Paulo, com apresentações de poemas, pinturas e músicas para o público que estava acostumado a assistir espetáculos e eventos emocionantes e belos, foram momentos de extremo choque para a plateia que reagiu com muita repulsa as novas formas de fazer artes.

A semana de arte moderna, mais conhecida como: a semana de fevereiro de 1922, deixa sinais de grandes heroísmos entre os artistas que tiveram a coragem de apresentar novas formas de artes e divulgar perante um público que não era acostumado a aceitar novas ideias. Conforme afirma Jobim; Sousa:

O ano de 1922 seria fundamental para os modernistas. Ano do centenário de nossa independência, ideal que se marcasse, com um acontecimento de vulto, as novas propostas artísticas do movimento. Planejado para causar impacto, este acontecimento foi a “Semana de Arte Moderna”, [...]. (JOBIM; SOUSA, 1987, p. 247).

Nesse sentido, o espírito de liberdade estava com os jovens que decidiram organizar uma semana de arte diferenciada, para uma sociedade que não conhecia aquelas representações como artes, e com hostilidade foram ridicularizados e duramente criticados pelas revistas e jornais da época.

A conferência teve iniciativa do escritor *Graça Aranha*, em representar a mais moderna corrente artística, “esclarecida”, com grandes exposições. Na ocasião foram ilustradas com música de *Ermani Braga* e poesia de Guilherme de Almeida e *Ronald de Carvalho* e no concerto musical *Villa-Lobos*, teve pintura e exposição modernista no Brasil anunciada por *Ronald de Carvalho*, sendo apresentações que o público não entendia e causavam muitas agitações na plateia. (cf. BOSI, 2006, p.360-361).

No decorrer das apresentações houveram muitas movimentações, alguns jornais da época noticiaram que foi preciso fechar o comércio para que o teatro não ficasse cheio de batatas atiradas contra os artistas. Assim afirma Bosi:

Como era previsto, a pateada perturbou o sarau, especialmente à hora das “ilustrações”, ou seja, o momento em que, apresentados por Menotti del Picchia, eram reveladas a prosa e poesia modernas, declamadas ou lidas pelos seus autores. Mário de Andrade confessa que não sabe como teve coragem para dizer versos diante de uma vaia tão bulhenta que não escutava, no palco, o que Paulo Prado lhe gritava da primeira fila das poltronas. O poema “*Os Sapos*”, de Manuel

Bandeira, que ridiculariza o Parnasianismo, mormente o pós-parnasianismo, foi declamado por Ronald de Carvalho "sob os apupos, os assobios, a gritaria de foi não foi da maioria do público". Ronald, aliás, disse também versos de Ribeiro Couto e Plínio Salgado. Oswald de Andrade leu trechos de *Os Condenados*. Agenor Barbosa obteve aplausos com o poema "*Os Pássaros de Aço*", sobre o avião, mas Sérgio Milliet falou sob o acompanhamento de relinchos e miados. Difícil determinar, no grupo dos escritores, quais os participantes da Semana de Arte Moderna. (BOSI, 2006, p. 361).

Portanto, de início as propostas modernistas não agradaram também aos brasileiros, assim como foi, em outros países que houve grande enfrentamentos para aceitação das novas formas de fazer artes, as inovações e concepções que os modernistas brasileiros não foram inspirações insólitas, mas vindas através dos jovens que voltavam dos países europeus e idealizavam uma cultura que valorizasse a linguagem local e cotidiana, além das formas mais simples de artes sem tantas regras a serem cumpridas.

A Semana de Arte Moderna, segundo alguns estudiosos, apresentou as mudanças que muitos já vinham buscando espaço na sociedade que tinham sido considerados independentes através de manifestos, revistas, poemas e obras literárias por alguns jovens esclarecidos da época, tendo apoio da elite agrária paulistana oligarquia do café, alguns artistas que participaram da semana de arte, já haviam publicado poemas, pinturas e outras artes com inspirações nacionalista como o poema de *Menotti del Picchia*, segundo Braga (2009, p.180) "o poema *Juca Mulato*, que foi publicado em 1917, trata da história do caboclo que se apaixona pela filha da patroa", sendo assim o poema trazia uma crítica à sociedade brasileira que tinha ficado com diferentes etnias, e em condições financeiras desiguais.

Contudo, a Semana de Arte Moderna consolidou-se como ponto de partida e desdobramentos de convencimentos e articulações para o agrupamento de várias tendências das artes modernas que vinham sendo discutidas e sofrendo influências da realidade cultural apresentadas pelas vanguardas.

2.3.2 Regionalistas e o Romance de 30

Após a Semana de Arte Moderna, diversos movimentos surgiram no Brasil, na busca da identidade nacionalista conforme foram temáticas defendidas pelos artistas brasileiros de valorização das artes e da cultura nacional, entre os movimentos

destacaram-se: *o manifesto da poesia Pau-Brasil*, que tinha como ideias juntar o moderno com o arcaico, a ironia contra o bacharelismo, todas essas inovações na linguagem da poesia com popular e culto tradicional interligados; *Manifesto antropofagia*, que surgiu a partir da pintura de *Tarsila do Amaral*, pintura, o *Abaporu*, que em tupi significa *comedor de gente*, que foi oferecido para *Oswald de Andrade* para a revista *antropofagia* (1928); *Verde-amarelo*, que reavivava o sentimento de brasilidade de *Oswald de Andrade*. (cf. BRAGA, 2009, p.182-183).

As influências regionalistas procuravam apresentar os manifestos regionais nordestinos que expressassem a realidade da história cultural e o social da região nordestina brasileira, assim diz, Rama:

O manifesto procura “ um movimento de reabilitação dos valores regionais tradicionais desta parte do Brasil: movimento do qual mestres autênticos como o João Ribeiro e o poeta Manoel Bandeira vão tomando conhecimento”, restaurando, contra o estrangeirismo procedente da capital do Rio de Janeiro e de cidades pujantes como São Paulo, o sentido de regionalidade, que é assim definido: “sentido por assim dizer, eterno em sua forma - ou modo regional e não somente provincial de ser alguém de sua terra - manifesto em uma realidade ou expresso em uma substância talvez mais histórica que geográfica e certamente mais social que política”. (RAMA, 2001, p.249)

Sendo assim, o manifesto regional se ocupava de mostrar suas raízes nordestinas sendo contrário ao modernismo, por querer mostrar os valores da sua cultura tradicional que contribuiu grandemente para a civilização brasileira e originalidade rudimentar nordestina, que tiveram os contatos com os animais, vegetais e os primeiros engenhos, com a formação do povo dessa região sem estar ligados aos estrangeirismos das grandes cidades da época.

O Regionalismo configurava novas experiências culturais artísticas nordestinas, mostrando a função coloquial e o irônico na produção de textos literários de alguns autores que tiveram destaque no regionalismo, como: o autor *José Américo de Almeida*, com o romance, *A Bagaceira* (1928); *Rachel de Queiroz*, para o Regionalismo compôs dois romances que retrata suas origens cearense, *O Quinze e João Miguel*; *José Lins Rego*, que encontrou na transição do “ ciclo da cana de açúcar”, na região canavieira da Paraíba e de Pernambuco sua maior fonte de expressão literária, lançou o romance, *Menino de Engenho*; *Graciliano Ramos*, escritor de *vidas secas*, romance que é narrado a dor e opressão vivida durante a seca

nordestina; *Jorge Amado, Érico Veríssimo, Marques Rebelo, José Geraldo Vieira, Lúcio Cardoso, Cornélio Pena* e outros autores intimistas que entre eles está a *Clarice Lispector*, com o romance *Perto do coração selvagem*. (cf. BOSI, 2006).

Os movimentos regionalistas existiram a partir da primeira guerra mundial, aparecendo no mundo literário a ficção dos decênios de 30 e de 40 serão lembrados como, segundo Bosi (2006, p.415) “ a era do romance brasileiro. E não só da ficção regionalista, que deu os nomes já clássicos de *Graciliano, Lins Rego, Jorge Amado, [...]*, mas também da prosa cosmopolita de *José Geraldo Vieira, [...]*”. Nesse sentido, os autores já consagrados em outras estéticas aderiram ao movimento regionalista por se aproximarem de uma literatura e que vinham expressar suas raízes e originalidade nos romances e também na prosa e poesia.

Os Manifestos regionalistas trouxeram as marcas dos valores nordestinos diante das ideias modernistas que eram discernidas nas grandes cidades, a cultura nordestina passou por processo de transição da realidade com a ficção rudimentar nos romances brasileiros da época.

3 A RELAÇÃO DE VICENTE E CONCEIÇÃO NA OBRA *O QUINZE*

Neste capítulo serão analisadas as personagens Vicente e Conceição e sua relação com a sociedade, bem como entre os próprios personagens protagonistas. O contexto urbano e rural, a modernidade, representada por Conceição em oposição a vida interiorana de Vicente, qual a relação das personagens com o meio social, como eles representam e como se complementam em suas representações.

3.1 A obra regionalista enquanto representação da sociedade

Um novo clima de inovações e expressões foram lançadas após a Semana de Arte Moderna de 1922, surgiram diversos setores artísticos em busca de novas ideias, na vida artística e literária, no meio social e na cultura regional foram de engajamento para a literatura das secas, ciclo da cana-de-açúcar, do cacau, do romance mais conhecido como romance regionalista da década da ficção de 30 (regionalismo da década de 1930), período conhecido como manifesto regionalista.

Sendo um manifesto, os regionalistas continuavam a lutar pelo reconhecimento de uma nacionalidade e seus valores locais no plano político-social que envolvia o homem da zona rural da década de 30. Com isso verificou-se os anos que mais se produziu financeiramente, com a produção de algumas narrativas com leituras de adequação a linguagem e cultura para a população que representava a compreensão e ideologia da literatura brasileira da época, conforme Gilberto Teles (1990):

Herdeiro da renovação dos primeiros modernistas, os escritores de 1930 já não precisavam mais brigar pela posição da linguagem coloquial, instrumentos de que se valeram para valorizar tematicamente o conflito entre os velhos padrões de vida e o aparecimento das novas ideias liberais. Através de largos painéis, que apenas o romance conseguia realmente expressar, os escritores brasileiros do Nordeste conseguiram reproduzir as imagens desse mundo em transformação, apontando, talvez, sem o querer, alguns dos problemas sociais que começavam a perturbar o sistema brasileiro (TELES, 1990, p.8-9).

Sendo assim, os modernistas e escritores que faziam parte do regionalismo não tiveram que travar lutas com o meio em que estavam inseridos, pois a maioria dos escritores eram das regiões nordestinas e procuravam retratar em suas obras os conflitos e denúncias, que reproduzissem as imagens do nordestino brasileiro.

Os romances da década de 1930 tiveram uma aceitação satisfatória por apresentar uma linguagem rebuscada de fácil entendimento e também trouxeram críticas ao sistema político mesmo que indiretamente, quando apontava alguns problemas como as secas e o ciclo da cana-de-açúcar nordestina.

Entre muitos aspectos que marcaram o regionalismo de 30, existiram escritores dessa geração de alguns Estados nordestinos que mais se destacaram e contribuíram para a literatura brasileira, tiveram seu reconhecimento e relevância artística política e social, como: José Américo de Almeida e José Lins do Rego, na Paraíba; Jorge de Lima e Graciliano Ramos, em Alagoas; Rachel de Queiroz no Ceará; Jorge Amado, na Bahia; e Armando Fontes que era de família Sergipana. (cf. TELES, 1990, p.9).

Os romances regionalistas eram favorecidos pelas localidades, segundo Teles (1990, p.13) “a melhor forma de expressão desse universo tinha que ser mesmo o romance, onde as situações e os meios conscientes ou inconscientes de denúncia encontram o necessário espaço e desenvolvimento”. Nesse sentido, o escritor assimilava a dimensão social, com os elementos que podiam fazer parte da obra, bem como, na estrutura interna e externa da escrita do autor, que beneficiava o desenvolvimento de certo papel em um romance que retratasse o problema da seca nordestina do Estado do Ceará, na cidade de Quixadá.

Portanto no cenário da literatura brasileira, o regionalismo veio acrescentar para o modernismo com as criações e divulgações da cultura da linguagem das expressões dos problemas políticos e sociais dessa região, somando ao lado da constituição da ficção evidenciando a descrição das paisagens, ambientes e personagens que representavam o imaginário do leitor das narrativas da década de 30.

3.2 Vicente, Conceição e o meio social

A representação dos aspectos políticos e sociais entra no contexto da obra *O Quinze 2002*, de acordo com os elementos que são apresentados na criação ou produção da ficção, no espaço e com atuação dos personagens em retratar para o público as possíveis consequências na sociedade em que vive a realidade da seca nordestina. Sendo o meio rural e urbano escolhidos para construção e estrutura

responsável pela força e eficácia do romance em que os personagens Vicente e conceição representam as partes desse meio em que estão inseridos como elementos atuantes na obra, afirma Candido:

[...], isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização dêste. (CANDIDO, 2009, p.55).

Nesse sentido, a realidade do meio social é mais nítida quando se está inserido nela mesmo que seja através da ficção sem deixar ser confundido com a atuação dos personagens e com a realidade vivida, ambas trazem aspectos relevantes para que saibam discernirem o efeito de causa e ficção. Já que a leitura vai depender da interpretação do leitor, de aceitação da verdade que a personagem transmite para o receptor ou mentira a dispor das ideias que o enredo propõe através do contexto e relação com o meio social.

Em *O Quinze*, o personagem Vicente ao fazer uma cavalgada em seu cavalo é narrado o espaço em desgaste pela seca. Percebemos na narrativa, que tudo é seco abordando os aspectos de uma caatinga em período de estiagem:

Novamente a cavalo no pedrês, Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho. Lagartixas davam carreirinhas intermitentes por cima das folhas secas do chão que estalavam como papel queimado.

O céu, transparente que doía, vibrava, tremendo feito uma gaze repuxada.

Vicente sentia por toda parte uma impressão ressequida de calor e aspereza.

Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapou à devastação da rama; mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e a casca toda raspada em grandes zonas brancas.

E o chão, que em outro tempo a sombra cobria, era uma confusão desolada de galhos secos, cuja agressividade ainda mais se acentuava pelos espinhos. (QUEIROZ, 2002, p.13).

Sendo assim, a paisagem nesse trecho, revela a decomposição do que antes era belo verde e próspero, porém com a seca a natureza já não tinha forças suficientes para manter o lugar com árvores vivas, somente alguns répteis rastejando pelas folhas

secas. “Os espinhos” são fragmentos ruins que agridem o chão e representam a difícil realidade das secas nordestinas, ferem machucam ainda mais os que já estão amputados, como os galhos secos das árvores que estão ao chão desprovidos da sombra que acolhia os seres vivos que a princípio faz parte da fauna e flora harmonioso, que precisam da natureza em bom estado. Sendo assim, o chão por si é algo que precisa sentir firme ao pisar, pois na situação em que estava, coberto de espinhos e galhos secos não demonstrava nenhuma firmeza, bem como o povoado que estava saindo da sua zona de conforto devido ao caos que a seca ocasionava na vida rural do trabalhador sertanejo de Quixadá no estado do Ceará em 1915.

As palavras *pedrês*, *pedregosa* e *seixos* tem sentidos de pedras da matéria dura, de difícil rompimento e também do caminhar árduo pela dureza e decomposição do caminho, assim como, é retratado a sociedade dessa localidade, que tem vivido dias muitos ásperos. As palavras têm um efeito de sinestesia: pedregosa, aspereza, ressequida, “as pobres árvores apareciam lamentáveis” as árvores são personificadas, como se fossem a própria população da comunidade, os que também sofriam juntos com a estiagem. Assim, o próprio Vicente sente a pele ser repuxada como uma gaze, que já é algo transparente e móvel, o calor do sol e da terra seca faz toda essa pressão, insolação sobre a pele do personagem que chega a causar dor, essas são algumas das situações referentes as escassezes de chuvas no solo que provocam esses desgastes na sociedade que enfrentam esse período.

Vicente, por alguns instantes se prende em seus pensamentos, em meio a tanta luta todos os dias, sua alma sofria com uma “doce saudade”, confusões de pensamentos tomavam conta dele. “Uma vontade obscura e incerta de ascender, de voar!” (QUEIROZ, 2002, p.41). Assim, a incerteza desconhecida, tenebrosa, que dar vontade de “voar”, nesse sentido, crescer, sair para logo, onde tudo fosse diferente, daquilo que estava vivendo, com a luta, com a fome e o desgaste da natureza, o sofrimento da alma abatia o coração de Vicente, que imaginava longe daquilo tudo, envolto em uma natureza diferente, em pudesse sentir a natureza viva, que derramasse sua “seiva viva e forte”, sentiu-se desamparado só o silêncio da noite e o cansaço da luta diária procurando um acolhimento da dura realidade que estava passando.

Conceição, sofria com os maltratos que a seca causava aos sujeitos que chegavam a cidade, o sofrimento doía em sua alma ao imaginar o filho do seu

compadre Chico Bento roendo as raízes da mandioca crua, que o envenenou e causou sua morte, conforme, o pobre retirante tinha contado essa desgraça, era uma miséria, que partia o coração da moça, tão disposta e pronta a ajudar os amigos que encontravam pela cidade no Campo de Concentração, [...], “e ficou longamente cismando na pobre criança morta de fome a roer famintamente uma raiz venenosa; parecia até que a via de olhos arregalados” [...] (QUEIROZ, 2002, p.98). Era os pensamentos que abatia a alma da Conceição também fragilizavam por alguns momentos tantas perdas humanas e sofrimentos causados pela falta de chuva.

Portanto, não se dissociam as visões da obra com o social e os conflitos que fazem parte dos seus contextos segundo Candido (2000, p.6) “[] o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, interno”. Com isso, o fator externo se torna interno e constitui o valor estético da obra, é isso que deve ser interpretado.

É notório, nesse fragmento do romance, “Lagartixas davam carreirinhas intermitentes por cima das folhas secas do chão que estalavam como papel queimado” (QUEIROZ, 2000, p.13), percebemos o efeito do diminutivo carreirinhas (inhas), transposto como fraqueza, desilusão no cenário devastado pela seca. O adjetivo “intermitentes” tem significado de interrupções, intervalo, pausa, sendo assim deduzimos que as interrupções no ambiente que antes era agradável de se ver, naquele momento é cansativo até de se pensar, para Vicente as condições do lugar em estado de seca e desolação também traduzem o sofrimento e atraso, assim, as pausas, e interrupções na vida rural que o personagem escolheu para viver e trabalhar.

Com as condições precárias, ameaçadas pela falta de chuva no sertão Vicente percebe que todas as formas de vidas serem penalizadas, nesse sentido, os aspectos internos da obra assimilam as ideias e dimensões sociais com artístico e o fator determinante da escrita do autor.

Sendo o personagem um dos elementos mais atuantes e comunicativos dentro das artes modernistas da literatura brasileira dos últimos séculos, assim Candido:

Não espanta, portanto, que a personagem pareça o que há de mais vivo no romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação da *verdade* da personagem por parte do leitor. Tanto assim, que nós perdoamos os mais graves defeitos de enredo e de ideia aos grandes criadores de personagens. Isto nos leva ao erro,

frequentemente repetido em crítica, de pensar que o essencial do romance é a personagem, — como se esta pudesse existir separada das outras realidades que encarna, que ela vive, que lhe dão vida (CANDIDO, 2009, p.54).

Entretanto, não são os personagens que introduzem o significado como um todo na obra, todavia pode-se inferir como um instrumento relevante na construção estrutural, fortalecedora para que venha acontecer o enredo. Partindo dessa valia o personagem é um ser fictício que expressa a realidade fantasiosa paradoxal, que possibilita a manifestação e a relação entre o ser vivo e ser fictício. Dentro dessa perspectiva os romancistas representam para a sociedade os enredos, as ideias e alguns conflitos desagradáveis ou agradáveis baseados nos contextos históricos vividos.

Sendo assim, a relação entre a vida fictícia e a real se dissociam de maneiras bastante diferenciadas, no real não somos condicionados, submetidos a viver uma condição imposta, temos por opção a condição de escolha, enquanto a personagem no romance é criada, direcionada pelo escritor, para representar a vida e conhecimentos dos outros, frases, gestos que estabeleçam significados com o meio.

Caracterizam-se personagens com as relações e impressões do meio urbano e rural, sendo uma dessas manifestações queirosiana retratada em *O Quinze*, durante a seca Cearense de 1915, que a autora problematizou a verossimilhança, do romance que trouxe para o leitor a percepção da concretização dos desgastes da natureza, bem como dos sofrimentos dos seres humanos que vivenciaram de perto o período de estiagem no Estado do Ceará na segunda década do século XX.

Escandalizado, indignado, Vicente saltou de junto da jurema onde se encostava:

- Pois eu, não! Enquanto houver juazeiro e mandacaru em pé e água no açude, trato do que é meu! Aquela velha é doida! Mal-empregado tanto gado bom!

E depois de uma pausa, fitando um farrapo de nuvem que se esbatia no céu longínquo:

- E se a rama faltar, então, se pensa noutra coisa. Também não vou abandonar meus cabras numa desgraça dessas.... Quem comeu a carne tem de roer os ossos... (QUEIROZ, 2002, p.22).

A indignação de Vicente, mostra a determinação, força e companheirismo pelos indivíduos mesmo nos piores momentos da seca, isso não é motivo para causar mais desgraças para as vidas dos outros, o individualismo não faz parte da vida de Vicente,

que compara a sua determinação, coragem e resistência e vigor das árvores mandacaru e juazeiro, que são plantas xerófitas adaptadas a lugares sem água e caracterizam-se por serem vegetais espinhosos e resistentes e algumas chegam a ser tóxicas, são encontradas na Caatinga do nordeste brasileiro, “sertão nordestino”, nas terras semiáridas do nordeste brasileiro.

A esperança faz parte dos minutos de silêncio do personagem mesmo no súbito de indignação Vicente olha para o céu e vê poucas nuvens, mas sente que não vai desanimar e nem abandonar os seus companheiros de trabalhos que ajudaram nas lidas com as terras e os animais nos períodos das lavouras e também serão parceiros nos períodos das estiagens, os atos praticados pelo personagem são de grandes valores e relevâncias em relação as diversas situações da vida e valorização do amor ao próximo e solidariedade.

Além de mostrar que era um personagem que se preocupava com a vida dos seus “cabras”, Vicente, ainda demonstra afeto pelos animais que foram largados, nas estradas sem nenhum sentimento pela vida do gado que foi solto, sendo vítima da seca e da maldade humana da proprietária vizinha, que não tinha compaixão do pobre morador e nem dos animais abandonados.

Vicente diz: “ também não vou largar meus “cabras”, linguagem coloquial do nordestino quando se refere aos parceiros de trabalho árdios por designar um significado considerados para algumas pessoas depreciativos, porém, na vida cotidiana do nordestino “cabra da peste” é uma referência a alguém valente, já que os moradores das terras de Vicente não estão sendo referidos para eles como uma linguagem pejorativa, preconceituosa, mas, resistente de muita força, então ao comparar seus ajudantes de “cabras”, o Vicente não estava usando um termo preconceituoso, bem como o narrador e escritora do romance pois são sabedores da expressão nessa situação. Também existem animais chamados de “cabras” que são animais que resiste ao clima seco e de pouca fartura na pastagem semiárida nordestina.

Nesse meio rural, caracterizado pela fragmentação da natureza, e desgastes ambiental causado pela falta de chuva, o município de Quixadá, no logradouro ainda existia esperança na mãe Nácia, avó da personagem Conceição, que resistia, confiante que no santo São José que ainda ia chover. Sua neta Conceição não tinha

a mesma expectativa, que encontrava na fazenda da avó no sítio Logradouro onde todos os anos vinha passar as férias. Assim Queiroz:

Chegava sempre cansada, emagrecida pelos dez meses de professorado; e voltava mais gorda com o leite ingerido à força, reposta de corpo e espírito graças ao carinho cuidadoso da avó. Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona.

Ouvindo isso, a avó encolhia os ombros e sentenciava que mulher que não casa é um aleijão...

- Esta menina tem umas *ideias*!

Estaria com razão a avó? Porque, de fato, Conceição talvez tivesse umas *ideias*; escrevia um livro sobre pedagogia, rabiscara dois sonetos, e às vezes lhe acontecia citar o Nordau ou o Renan da biblioteca do avô (QUEIROZ, 2002, p.9-10).

Conceição é uma personagem que gosta da leitura, é professora mora na cidade de Fortaleza, na zona urbana, sua juventude ela aproveitara fazendo o que mais trazia prazer, dedicava-se as leituras até marxistas. Mesmo diante das críticas de sua avó que dizia: “mulher que não casa é um aleijão”, as implicações da senhora acontecem porque Conceição chegou aos vinte e dois anos e não falava em casar, comportamento diferente das outras mulheres de sua época, aos dezoito anos houve tentativa de namoro, mas, não deu certo, e Conceição costumava dizer, alegremente: “que nascera solteirona”. Isso não agradava dona Nácia, nem aos princípios da época, naquele tempo mulher nascera para crescer, aprender a cuidar da casa, casar e ser progenitora, em pleno século XX ainda existia esse tabu com o sexo feminino. Ainda existe nos dias atuais.

Conceição era pedagoga, ensinava na cidade de Fortaleza e as vezes, escrevendo em seu livro sobre pedagogia, acabava citando sonetos de alguns autores com ideias marxistas, isso que incomodava sua vó que dizia não ser leituras para moça de família, Conceição era uma jovem esclarecida, diante de uma sociedade que a mulher ainda não tinha conquistado seus direitos políticos e de maior expressão de liberdade de escolha social.

Aos dezoito anos ocorreram algumas tentativas de namoros que foram ao fracasso, segundo Queiroz (2002, p.10) ” as suas poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; “e o tempo de normalista”, esse tempo faz refere-se ao período em que a Conceição estava no curso

de magistério, as mulheres que faziam o curso eram chamadas de “normalistas”, também conhecido como 1º grau ou pedagógico, sendo uma habilitação para ensinar as séries iniciais.

No entanto, as leituras e conhecimentos da personagem Conceição não fizeram dela alguém alheia as suas origens, gostava das pessoas humildes, do local onde foi criada e de seus vizinhos do Logradouro, das primas da outra fazenda, especialmente de Vicente por quem ela tinha muita admiração, afinidade e um sentimento em forma de paixão, que os dois sentiam um pelo o outro, “ a Conceição, pareceu que uma rajada de saúde e de força invadia subitamente a sala, purificando-a do falsete agudo do gramofone”,[...] (QUEIROZ, 2002, p.17), nesse sentido a alegria que ela sentiu naquele momento denota o sentimento que existia entre ambos, bem como, Conceição revela o prazer da companhia do primo, mas também a singularidade daquela ocasião em que podia ter ao seu lado Vicente, “já Vicente enlaçava a prima que, rindo, saiu dançando orgulhosa do cavalheiro, [...], (QUEIROZ, 2002, p.17), “orgulhosa” no sentido de poder vivenciar o momento de alegria. Mas, não deram continuidade, pela insegurança e distância que separavam eles, e nesse fragmento Queiroz:

[...], a moça pensava em Vicente. E novamente sofreu o sentimento de desilusão e despeito que a magoara quando a mulher falava.
 “Sim, senhor! Vivia de prosear com as caboclas e até falavam muito dele com a Zefa do Zé Bernardo!”
 E ela, que o supunha indiferente e distante, e imaginava que, aos olhos dele, todo o resto das mulheres deste mundo se esbatia numa massa confusa e indesejada...
 Que julgara ter sido ela quem lhe acordara o interesse arisco e desdenhoso do coração!... (QUEIROZ, 2002, p.58-59).

Sendo assim, sentiu a desilusão e humilhação naquele instante que imaginava ser quem despertou interesse aos olhos e ao coração de Vicente, ela demonstra sentir ciúmes, das outras moças que Vicente tinha contato, portanto ao inferirmos algo ao contexto como leitor estamos tornando a obra aos limites do possível que não aconteceu na nossa imaginação, conforme Renata Pallottini:

Não se trata de ter um personagem que seja a cópia real de uma pessoa qualquer, viva, existente, conhecida do autor. Mas de criar um ser de ficção, que reúna em si condições de existência; que tenha coerência, lógica interna, veracidade.

Um ser que *poderia ter sido*, não necessariamente um *ser que é*. (PALLOTTINI, 1989, p.12).

Nesse sentido, estamos assimilando a personagem a verossimilhança e coerência, aparência com a realidade e a imaginação que o leitor tem da leitura de ficção mais agradável, principalmente em termo da literatura modernista por se tratar de um período que os artistas estavam interessados em divulgar um contexto com inovações e expressões da realidade. A questão da imaginação nos leva a crer nas condições de fatos que poderia acontecer e não aconteceu, o leitor cria expectativa que não foram selecionadas pelo autor. E são esses anseios que deixam as ficções e os personagens mais marcantes com uma singularidade bastante destacada.

O encontro do Vicente com Conceição fez ela refletir sobre a simplicidade e dedicação que o primo tinha com as terras do sertão, afirma Queiroz:

Todo o dia a cavalo, trabalhando, alegre e dedicado, Vicente sempre fora assim, amigo do mato, do sertão, de tudo o que era inculto e rude. Sempre o conhecera querendo ser vaqueiro como um caboclo desambicioso, apesar do desgosto que com isso sentia a gente dele. E a moça lembrou-se de certa vez, em casa do Major, no dia em que se inaugurou o gramofone, e as meninas, e ela própria, que também estava lá, puseram-se a dançar. Os pares eram o filho mais velho da casa hoje casado e promotor no Cariri. - E dois outros rapazes, colegas dele, que tinham vindo passar as férias no sertão. Mal começou a dança, entrou Vicente, encourado, vermelho, com o guardapeito encarnado desenhando-lhe o busto forte e as longas pernas ajustadas ao relevo poderoso das pernas. A Conceição, pareceu que uma rajada de saúde e de força invadia subitamente a sala, purificando-a do falsete agudo do gramofone, das reviravoltas estilizadas dos dançarinos. Mas a mãe dele, que sentada ao sofá apreciava a dança, vendo-o, enxergou apenas o contraste deprimente da rudeza do filho com o pracionismo dos outros, de cabelo empomadado, calças de vinco elegante e camisa fina por baixo da blusa caseira. Já Vicente enlaçava a prima que, rindo, saiu dançando orgulhosa do cavalheiro, enquanto, na sua ponta de sofá, a pobre senhora sentiu os olhos cheios de lágrimas, e ficou ali chorando pelo filho tão bonito, tão forte, que não se envergonhava da diferença que fazia do irmão doutor e teimava em não querer “ser gente”... (QUEIROZ, 2002, p. 16-17).

Os pensamentos de Conceição descrevem a simplicidade de Vicente e das suas escolhas, os desejos da vida de sertanejo e confirma as afinidades e proximidades que os dois personagens apresentam na obra. Quando Conceição reflete sobre o cotidiano de Vicente, em trabalhar com seu cavalo, alegremente, na mata como um sertanejo, inculto, sem ambição nenhuma para a tristeza da família,

que formou o filho mais velho, e Vicente não quis estudar preferiu a vida no campo de vaqueiro, porém, sempre querendo saber tudo que ainda não tinha sido cultivado nas terras do sertão, isso desde quando ela o conhecerá. O Vicente sonhava em ser um “caboclo”, nome dado no Brasil para o indivíduo que foi gerado da miscigenação de um índio com branco, também designado ao homem bastante rústico, que não tem muita confiança nas outras pessoas.

E era assim a pessoa que Conceição, conhecia e admirava, o que demonstra ser ela uma moça que trabalhava na zona urbana e tinha leitura, mas que não fazia pouco caso das suas raízes e origem. “Os pares eram o filho mais velho da casa hoje casado e promotor no Cariri. - e dois outros rapazes, colegas dele, que tinham vindo passar as férias no sertão” (QUEIROZ, 2002, p.17). A personagem tenta fazer uma analogia entre o comportamento social dos amigos e irmão do Vicente, a diferença que causava tristeza na mãe no canto do sofá com lágrimas aos olhos, sentindo que o filho do campo não quis ser “gente”, sendo assim, a posição social do irmão tornava ele mais gente que o Vicente, para a família naquele momento de exposição de luxo dos convidados e do irmão.

No entanto, para Conceição, Vicente era o mesmo, o caboclo, alegre e destemido, que ela tira para dançar no meio dos casais bem vestidos com calças de vincos, camisas finas e cabelos empomados sem nenhum constrangimento. A entrada de Vicente, “encourado”, vermelho, com o guarda-peito “encarnado” desenhando o busto forte e as longas perneiras ajustadas ao relevo poderoso das pernas. Então o personagem entrou vestindo roupa de couro (encourado), cor avermelhada, mostra as partes o corpo forte e queimado do vaqueiro que escolheu ser, e não se envergonhava de suas ascendências rurais, perante os casais que não tinham costumes de presenciarem indivíduos com aqueles tipos de roupas. Sendo relevante a caracterização dos personagens no romance, isso mostra o caráter de aproximação e distanciamento, assim Pallottini:

É importante como se coloca o personagem em relação aos outros homens, de que forma ele se insere no seu grupo; como, portanto, se caracteriza socialmente; sua situação na sociedade a que pertence (criado ou patrão, senhor ou escravo, pobre ou rico); profissão, situação da família, ligações no grupo, convicções políticas e morais, ligações amorosas ou amigáveis, preconceitos, crença religiosa. Parcela de poder que possui, grau de liberdade de que desfruta, consciência. (PALLOTTINI, 1989, p.65).

Nesse sentido, a caracterização do personagem na sociedade rural, gera uma situação de liberdade em Vicente que demonstra através de suas roupas que está inserido no âmbito ruralista o que implica na diferenciação de aparência física de ligações com outros membros de outras classes, as vestes não faz dele nem pior nem melhor, sua capacidade de desenvolver seu trabalho com dedicação, as roupas dele apenas são distintas do irmão Paulo, que se formou-se no curso de direito e era promotor, na cidade do Cariri, uma posição profissional que não traz semelhança com o meio rural. Mas, ao mesmo tempo é o trabalho de Vicente que faz com que o irmão tenha recursos para poder estudar, a vida urbana depende da vida no campo,

O irmão de Vicente, Paulo é um funcionário público que ocupa um cargo de promotor na zona urbana, que o fez se tornar bastante arrogante, tendo vergonha de suas origens do sertão nordestino. Enquanto Vicente pertence ao meio rural, se reconhece como trabalhador e se orgulha do que faz. Vicente representa a classe de homens que têm esperança no trabalho, que sustentam nas costas um mundo desigual. Passando alguns anos a mãe do Vicente, Idalina, reconhece que seu filho vaqueiro é o melhor e se conforma em não fazer dele um doutor, [...], “e trazia-o ciumentamente preso a si, e o mimava a tal ponto, que fazia as irmãs protestarem: - Credo! Para mamãe, o Cente é mais mimoso do que mesmo o caçula!...” (QUEIROZ, 2002, p.17), dona Idalina, mimava ele sempre, que despertava ciúmes nas irmãs, enquanto o filho bacharel a senhora o considera perdido.

Enquanto Vicente é distante de seu irmão doutor, ele estabelece relações próximas com Conceição, dois personagens que se admiram na narrativa, com ideias opostas, mas que também se aproximam e não fazem deles alheios aos problemas que a sociedade a qual eles pertencem estão passando. Vicente, o vaqueiro ativo e dedicado com seu gado, sua família e moradores; a Conceição com o seu professorado na cidade, veio em tentativa de levar sua mãe Nácia para ficar com ela na cidade até que o período da estiagem passasse, e com muita persistência a avó decide partir, com a Conceição, para a zona urbana

3.3 Oposição e contiguidade entre Vicente e Conceição

Muitas coisas se dissociam na relação entre Vicente e Conceição como personagens que tiveram uma convivência e que o tempo não apagou e são

personagens que trazem resistências em alguns aspectos sociais na narrativa *O Quinze*.

A representação de Vicente e Conceição como protagonistas no romance segue uma linearidade, de ficção bastante significativa, estabelecendo uma lógica e coerência simplificada pelo romancista na obra com o meio social rural e urbano, constituindo as condições de vidas ameaçadas pela seca. Aduz Queiroz:

Só Conceição, com o brilho de sua graça, alumiava e floria com um encanto novo a rudeza de sua vida...

De começo, o intimidara. Supôs que o visse com o mesmo olhar de superioridade meio compassiva usado pelo irmão, quando falava em sua existência de cidadão *blasé*, e aludia as suas preocupações intelectuais. E no seu orgulho áspero, como uma porta hostil que se fecha, fechou-se a qualquer intimidade com a prima, doendo-lhe que ela também o julgasse incapaz de uma sensação delicada, de um mais alto interesse nesta vida, que não fosse vaquejar ou nadar.

Só pouco a pouco foi verificando que a prima o fitava com grandes olhos de admiração e carinho; considerava-o, decerto, um ente novo e a parte; mas à parte como um animal superior e forte, ciente dessa sua força, desdenhosamente ignorante das sutilezas em que se engalfinham os outros, amesquinados de intrigar, amarelecidos de tresler... (QUEIROZ, 2002, p.43-44).

Vicente sentindo a solidão da noite, começou a refletir sobre sua vida de vaqueiro e as dificuldades que deixavam ele longe da Conceição, dos encantos e sabedoria e inteligência, no início ele pensava que a prima, por ser intelectual iria se tornar indiferente, assim como o irmão Paulo, que o irritava com seu grau de superioridade. Porém, Conceição não fez diferença com o personagem que se considerava ignorante, trocava olhares com muita admiração e carinho porventura, Vicente pensava que era pela sua força, porém Conceição admirava pelo coração nobre e humilde do sujeito que, apesar de suas forças brutas, capaz de subjugar outros sujeitos, tinha bons sentimentos, o trabalho não o embrutecera lhe o espírito, como Paulo que deixou o ego sobrepor-lhe, que os sentimentos, que se envaideceu.

Enquanto Conceição é vista como uma flor, “Só Conceição, com o brilho de sua graça, alumiava e floria com um encanto novo a rudeza de sua vida... “. Vicente é mostrado como um animal forte. Ambos constituem a fauna e a flora nordestina, e um sente admiração pelo outro, em contraste com o irmão de Vicente não liga para Conceição ou para Vicente, os dois são conectados pela admiração mútua. A inteligência e os sentimentos estão alinhados, a percepção e a sensibilidade de

Conceição e Vicente sobre o mundo que os rodeia, faz que eles percebam que são pessoas pertencentes daquele lugar e, apesar de suas diferenças, são iguais.

Entretanto, Vicente quando faz analogia da sua força como a de um animal ele estava refletindo sobre sua zoomorfização, assim como ocorre com *Fabiano de Vidas secas da obra* de Graciliano Ramos (2009, p.19) que murmurava, “você é um bicho, Fabiano”, isso faz partes desses romances em que os personagens comparam as forças físicas as de seres irracionais, desprezando sua mentalidade humana. Faz parte da vida nordestina, o próprio nordestino as vezes se julga um bruto, mas são ideias inculcadas na mente dos sujeitos para que possa prevalecer um sistema desigual e injusto.

Vicente representa um personagem esperançoso, persistente diante dos desgastes provocado pela seca, um vaqueiro humilde e corajoso, tem um relacionamento harmonioso com sua família, apesar de não ter uma boa relação com o irmão Paulo, que envaideceu o coração e deixou-se levar pelo ego e sentimentos opostos e não soube distinguir como fez Conceição que se ausentou da zona rural, porém não se deligou das suas origens. O personagem tem sonhos de conquistar a sua prima, mas, assim com a dificuldade da seca cada vez, as dificuldades aumentavam com a seca não tinha o que oferece para ela. “No entanto, agora, Conceição estava bem longe”. A distância separava-os, no desespero dos seus pensamentos, “teve um súbito desejo de emigrar, de fugir, de viver numa terra melhor, onde a vida fosse mais fácil e os desejos não custassem sangue”. (QUEIROZ, 2002, p.44), nesse sentido, a ideia de fuga, faz-se presente na narrativa, e também nos pensamentos do Vicente que enfrentava as lutas da seca, era fugir para longe de toda a miséria da seca, era essa ideia que a escassez de chuva provocava, no cidadão nordestino, até mesmo nos mais determinados como o Vicente, a ideia de “fuga”, retirada para outras partes do Brasil na esperança por dias melhores. Assim Candido:

Assim, a verossimilhança propriamente dita, — que depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real (ficção igual a vida), — acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna plenamente verossímil. Conclui-se, no plano crítico, que o aspecto mais importante para o estudo do romance é o que resulta da análise da sua composição, não da sua comparação com o mundo. Mesmo que a matéria narrada seja cópia fiel da realidade, ela só parecerá tal na medida em que for organizada numa estrutura coerente. (CANDIDO, 2009, p.75).

Sendo assim, não podemos deixar de lado as semelhanças que o romance representa na vida e na comparação com os acontecimentos na realidade de alguns indivíduos que vivenciaram o contexto histórico do início do século 1915.

Nesse sentido, Vicente é um sujeito que decidiu ficar no campo cuidando, das terras, dos gados, e das famílias que moravam na fazenda do seu pai, sendo um vaqueiro rude, mas, que gostava do trabalho com o gado, se orgulhava por ser um homem de firmeza e força, “Não sei... Para mim, isso agora já é um capricho. Tomei a peito e vou ao fim... Se salvar tudo, lucro muito, se nada... paciência...” (QUEROIZ, 2002, p.94), por fazer parte a cultura nordestina, o indivíduo decidir, se firma em uma ideia pelo capricho, mesmo que essa venha causar prejuízo, mas, o que importa é sua decisão. Enquanto, Conceição também se dedicava, ajudando no campo de concentração, Queiroz (2002):

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de Concentração, [...].

Dona Inácia, as vezes que podia, acompanhava a neta nessa labuta caridosa, em que a moça empregava o melhor da sua natureza.

De vez em quando, porém, a avó tinha que repreendê-la por quase não comer, por sempre chegar em casa atrasada, por consumir todo o ordenado em alimentos e purgantes para os doentinhos do Campo; ela respondia, rindo:

- Mãe Nácia, eu digo como a heroína de um romance que li outro dia: “Não sei amar com metade do coração...” (QUEIROZ, 2002, p.127),

Sendo assim, Conceição passava seu tempo dedicando-se aos necessitados, do Campo de concentração, fazendo sua parte de caridade, aos carentes, vítimas da seca, ela se sensibilizava com todo aquele sofrimento e por natureza decidiu se entregar de coração naquela causa, que se compara a uma “heroína”, de certo romance que leu, dizendo que não sabe amar com metade do coração, o esforço e dedicação que conceição desempenha em favor da população atingida pela seca se complementa com os de Vicente que está na zona rural, trabalhando com o gado, na tentativa de salvar os animais, da falta de pasto e água, assim como Conceição, Vicente muda seus horários de descanso na expectativa para amenizar tanto sofrimento, “Carecia mesmo dormir alguém no alpendre para botar sentido...” (QUEIROZ, 2002, p.45), as mudanças ocorriam na vida de Vicente, pois era a dificuldade com o gado que não aguentava ficar em pé e necessitavam dos vaqueiros

ajudarem os animais, na busca para conseguir escapava daquela seca, ao dormir no alpendre da casa ficava mais atento e aos chamados dos outros vaqueiros.

Conceição, participava da comitiva de senhoras que ajudavam no Campo de Concentração, uma área que o governo do estado do Ceará criou para acolher os retirantes que fugiam da seca do sertão e migravam para a capital. Um espaço reservado, isolado da população de Fortaleza, onde os retirantes eram recebidos e encaminhados para pequena barraca de zinco e uma doação do governo em alimentos que, não dava para matar a fome desses pobres miseráveis, não havia higiene, nem saneamento básico, apenas a solidariedade de voluntários como a personagem, que todos os dias, após sair do seu trabalho de professora se dirigia para acolher os retirantes que chegavam ao Campo de Concentração, levava sua ajuda na distribuição de alimentos, ou acomodações em algumas barraquinhas de zinco que destina para o abrigo naquele momento de tanta miséria.

O lugar era um ambiente de muita sujeira e a inospitalidade causava asco, mesmo assim, Conceição não deixa de levar mantimentos e ajuda, como forma de caridade aos necessitados da dura realidade da seca nordestina.

Mesmo que a intérprete, estivesse em cenário precário decadente, não a intimidava de envolver-se nas causas de atenção aos mais necessitados daquele local que representava o descaso político e social com as vidas que conseguiam chegar até aquele local, almejando saírem das dificuldades e fome que vinham tentando escapar do sertão, o centro urbano era um fio de esperança, e Conceição fazia parte desse fio que com pouco que tinha, repartia entre os mais aflitos quando dava entrada no Campo de Concentração. Em consonância com Candido (2009) os estudos dos romances nos levam a acreditar que a ficção e sua verossimilhança, faz parte da composição não só do romance mais dos fatos que ocorre durante o período de seca no estado do Ceará, e foram grandes as emigrações de pessoas em busca de sobrevivência, em abrigos, em condições sub-humanas.

A protagonista entra em oposição no romance em relação ao seu primo Vicente, por quem ela tem um carinho e admiração, que o leitor acredita que ao final da obra formaram um lindo casal, porém, as contiguidades são pertinentes em ambos, mas a Conceição, é uma mulher que optou em não casar, e viver na cidade o que é bastante contrário aos princípios de Vicente:

Deitada na cama, com a luz apagada, Conceição recordava Vicente e sua visita.

A verdade é que ela era sempre uma tola muito romântica para lhe emprestar essa auréola de herói de novela!

Metido com cabras... não se dava a respeito... E ainda por cima, não se importava nem em negar...

Mãe Nácia, porque naturalmente, no tempo dela, aguentou muitas dessas, diz que não vale nada...

E a moça comparou Dona Inácia àquelas senhoras de alma azeda, de que fala o Machado de Assis...

Foi então que se lembrou que, provavelmente, Vicente nunca lera o Machado... Nem nada do que ela lia.

Ele dizia sempre que, de livros, só o da nota do gado...

Num relevo mais forte, tão forte quanto nunca o sentira, foi-lhe aparecendo a diferença que havia entre ambos, de gosto, de tendências, de vida.

O seu pensamento, que até há pouco se dirigia ao primo como a um fim natural e feliz, esbarrou nessa encruzilhada difícil e não soube ir adiante. Ele lhe aparecia agora como um desses recantos da mata, próximo a um riacho, num sombrio misterioso e confortante. (QUEIROZ, 2002, p. 78 -79)

Após a visita de Vicente a residência de Conceição na cidade de Fortaleza, ela ficou a refletir sobre o quanto fantasiou seu sentimento a ponto de ver Vicente como um herói e agora estava decepcionada, sentia-se uma boba por ter romantizado a relação entre eles. A protagonista, demonstra indignação e egoísmo ao se referir “emprestar a auréola de herói de novela!” Auréola é um símbolo luminoso que cercam a cabeça dos santos nas pinturas e nas cabeças dos anjos. Nesse sentido a Conceição apenas tinha emprestado esse símbolo, ela não o tinha como um herói de novela. A intérprete confirma para o leitor que não nasceu para o casamento, assim como é mencionado no início do romance para a mãe Nácia.

Em meio aos pensamentos, o ciúme e a desconfiança condicionam a personagem a traçar raciocínio sobre os conselhos que sua mãe diz ser normal os homens terem outras amizades são coisas que a Conceição não aceita, ficava acreditando que a senhora foi uma daquelas mulheres rudes, mal-humorada e azedas, pretensiosamente acreditamos que essa ausência de bom humor, seja pelo desgostos e sofrimentos que a relação a dois provocava nas senhoras dos tempos da sua mãe Nácia, sendo essa referência de senhoras de alma azeda umas que a neta lera em Machado de Assis.

Conceição representa a mulher que se destacava no romance por ser intelectual, e gostar de ler Machado de Assis e ainda se arisca a fazer leitura Marxista, o que não agradava sua avó, em seu devaneio ela dizia que Vicente, nunca havia lido

Machado de Assis, não tinha interesse em leitura, e isso significava um motivo de distanciamento entre ambos, as barreiras que os destroem eram relevantes para a vida dos dois, nesses minutos de reflexão a personagem entende que mesmo eles se gostando existia um desencontro, entre eles.

A oposição sendo semelhante a uma encruzilhada em seu pensamento faz analogia a vida urbana, que seria feliz com sua escolha na cidade, apenas as lembranças agradáveis, sendo comparadas aos elementos confortante da natureza, como: um riacho sombrio na mata, nesse sentido a natureza o riacho e a mata, são elementos que representam Vicente para a Conceição, por ser o meio em que ele está inserido e convive.

Sendo assim, os protagonistas analisados são atuantes de uma narrativa pautada, na ficção entre a oposição e contiguidade, que constituem uma adesão do enredo entre o meio rural e urbano, em que a obra se configurou num cenário que retrata as condições de vida e sobrevivências a seca nordestina do início do século XX, Estado do Ceará, que a autora Rachel de Queiroz escreveu *O Quinze*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto histórico do início do século XX, o Estado do Ceará foi marcado por um processo de desgaste na natureza e sofrimentos das pessoas que habitavam o sertão Cearense, sendo motivado pela seca nordestina que atingiu esse estado durante essa época.

Nesse sentido a autora Rachel de Queiroz, que fazia parte desse Estado decidiu escrever o romance, *O Quinze* que veio a ser publicado em 1930, no período da literatura regionalista, que contribuiu bastante nas divulgações das expressões modernistas e regionalistas desse período.

Através dessa obra de ficção, com base nos traços marcantes que são de grande relevância, desenvolvemos nossa pesquisa, motivados pelos estudos das estiagens nordestinas que causaram bastante problemas para a população dos Estados que são atingidos pela seca, levando a retida dos animais para outros lugares e também a saída de pessoas para outros Estados brasileiros em busca de sobrevivência.

Com base nos resultados obtidos, analisamos a relação social entre os personagens Vicente e Conceição, suas oposições e contiguidades, que contribuíram para o leitor despertar a verossimilhança, as ideias no enredo que o personagem as torna vivas.

Vicente e Conceição, se assemelham, por trazerem as percepções, forças e sensibilidades, buscam amenizar os sofrimentos causados pela seca nordestina, mesmo separados um do outro, eles traduzem e se sensibilizam, de coração humildes a lutarem por as causas urgentes, durante o período da ausência de chuva, sendo isso, que complementam os personagens.

Os personagens que analisamos deixam de possuir afinidades, nas escolhas pessoais, Vicente, é um homem do campo que, escolheu a vida de vaqueiro, rude, pertencente ao meio rural, se reconhece como trabalhador e se orgulha disso, por representar a classe de homens que têm esperança no trabalho, e sustentam nos ombros um mundo de desigualdades. Enquanto, Conceição reconhecia as diferenças entre eles, ela gostava de "ler", e exercia sua profissão de professora na zona urbana, sendo contrária a vida da cidade para a do campo, Conceição não se imaginava viver sem suas leituras, que até de ariscava nas socialistas, mesmo sendo criticada pela

mãe Nácia, que desejava que despertasse interesse pelo casamento, porém, ela respondia alegremente, “que nascera solteirona”, metidas em seus livros pensava que existiam muitas diferenças entre ela e Vicente, certa vez, lembrou-se, que ele não lia nada do que ela costumava ler, “ele dizia sempre que, de livros, só a nota do gado...” (QUEIROZ, 2002, p.79). Nesses pensamentos foram aparecendo as diferenças que existiam entre ambos. A questão de escolhas e gostos de vida eram opostas.

A representação dos personagens Vicente e Conceição, também foi fonte de estudo para a configuração entre o meio rural e urbano, os aspectos sociais que se dissociam e os que se assemelham diante o contexto de escassez de chuva que retratam a obra.

Mediante os aspectos das difíceis realidades que a obra aborda em estado de caos, provocado pela seca, ainda existe a esperança e persistência do personagem Vicente, que acredita no seu trabalho, não desiste e nem abandona os indivíduos que estão ao seu lado na mesma luta, com base nesses personagens representamos o meio rural.

Portanto, foram também de importância para o nosso trabalho a percepção da personagem Conceição no meio urbano representada como professora e ajudante dos retirantes que conseguia chegar ao Campo de Concentração, uma jovem que não esqueceu das suas origens rurais e sabe discernir as diferenças do meio urbano onde ela vive bem como as do meio rural onde mora seus amigos e familiares.

Vicente e Conceição, constituem como personagens que se diferenciam pelas escolhas pessoais da vida e se assemelham porque, mesmo separados, morando em lugares opostos, porém, dispostos a lutarem pelos mesmos objetivos que atingiam a população durante a seca, eles se importavam com os sofrimentos dos necessitados, dedicavam partes de suas vidas as causas de desgaste e sofrimentos que foram provocados pela escassez de chuva, tanto no meio rural como urbano.

Pode-se observar que os personagens são muito próximos, e se gostam bastante, não só como amigo, eles tinham o desejo de ficar juntos, porém as escolhas que ambos fizeram acabam por tornar a relação impossível. A protagonista se destaca por ser uma mulher do início do século XX, que dedica seu tempo as leituras e não tem planos de casar, não se imaginava como as outras mulheres dona de casa e submissas ao marido, seguindo os princípios da época.

Nesse sentido, nossa pesquisa estabelece essa relação entre a oposição e contiguidade dos personagens Vicente e Conceição, assim como a relação social que os personagens desenvolverem com meio rural e urbano, a relevância desses dois espaços para ambos. Bem como, por serem diferentes, eles se complementam e criam a beleza estética do texto literário.

Portanto, são exatamente as diferenças e semelhanças de Conceição e Vicente que dão movimento a obra, que criam tensão na narrativa e que a embelezam esteticamente, os personagens parecerem distintas, mas existe a relação interdependente entre eles, assim um complementa o outro, são diferentes, mas também iguais, cada um a seu modo, Vicente sendo um personagem que amava seu trabalho e acreditava em dias melhores, que toda aquela luta iria acabar, assim, como Conceição que trazia um coração caridoso e disposto para ajudar aos mais carentes, diante daqueles problemas, o amor ao trabalho e pelo povo faziam dos personagens nobres de corações, de forças e de esperanças para lutarem por dias melhores.

Esperamos que a pesquisa venha contribuir para o meio acadêmico, na perspectiva, de novos olhares na elaboração e continuação da produção científica em torno do assunto abordado neste trabalho, estabelecendo elementos essenciais que propiciem os envolvimento e divulgações das pesquisas e a exploração da área do conhecimento literário na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo, Cultrix, 2006.
- BRAGA, Maria Alice da Silva. **Literatura brasileira II**. Curitiba: Editora Ibepex, 2009.
- CANDIDO, Antonio, ROSENFELD, Anatol. *et. al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva. 2009.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. QUEIROZ, 2000.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo, v. 16, 2010.
- GAY, Peter. **Modernismo**: O fascínio da heresia: de Baudelaire a Beckett e mais um pouco. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, v. 5, 2002.
- JOBIM, José Luís; SOUZA, Roberto Acízelo. **Iniciação à literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1987.
- PALLOTTTI, Renata. **Dramaturgia**: Construção do Personagem. São Paulo, editora ática, 1989.
- QUEIROZ, Rachel. **O Quinze**. 72 ed. São Paulo, ARX, 2002.
- RAMA, Ángel. **Crítica e interpretação I**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Posfácio de Marilene Felinto. 109ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- TELLES, Gilberto Mendonça. **A crítica e o romance de 30 do Nordeste**: ensaio / Rio de Janeiro: Atheneu Cultura, 1990.
- WOOD, James. **Como funciona a ficção**. São Paulo: editora SESI-SP, 2017.